

HERANÇAS COLONIAS, PROJEÇÕES PTERNAS:

Duas visões

COLONIAL LEGACIES, PATERNAL PROJECTIONS:

Two views



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 24/06/2025

Aprovação do trabalho: 13/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Tatiana Prevedello  
t_prevedello@hotmail.com
 Colégio Militar de Curitiba

COMO CITAR

PREVEDELLO, Tatiana. HERANÇAS COLONIAS, PROJEÇÕES PTERNAS: Duas visões. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 1-14, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1814>.

Resumo

O projeto artístico-literário do escritor português, António Lobo Antunes (1942), e do autor brasileiro, Milton Hatoum (1952), possuem linhas narrativas que convergem, sobretudo a partir da forma como se valem de seus romances para construir uma hermenêutica narrativa voltada para o exame da condição histórica do sujeito. Nos romances *Cinzas do Norte* (2005) e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017) é possível verificar o quanto a herança colonial portuguesa é decisiva para configurar os conflitos que se estabelecem no relacionamento entre pais e filhos, marcado por uma condição opressiva. No texto de Hatoum, ambientado essencialmente na região amazônica brasileira, Mundo é filho de um rico empreendedor de ascendência portuguesa, Trajano Mattoso, com uma mulher nativa, Alícia. Todavia, desde a infância se opõe ao universo aristocrático em que é criado e à opressão paterna, por meio da militância artístico-política, o que leva a sua degradação físico-existencial. A exacerbação da violência e do racismo, representada nas páginas de *Até que as pedras se tornem mais leve que a água*, revolve as memórias traumáticas da guerra em Angola, a partir da relação de um combatente português. Ao retornar à Lisboa leva consigo, na condição de filho adotivo, uma criança africana que teve a família dizimada em um bombardeio. Isso irá ilustrar, de acordo com a psicanálise freudiana, a compulsão à repetição pelos eventos do passado, que não se apagam das memórias fraturadas destes personagens. Sob um viés comparativo, ao se estabelecer um cotejo entre os romances supracitados, pretendemos verificar como as marcas do colonialismo, tanto no Brasil quanto na África, se imprimem na relação conflituosa entre pais e filhos, para a qual a possibilidade de cura das feridas da memória não se apresenta como um horizonte de expectativa.

Palavras-chave: Colonialismo; Portugal, Brasil; África; paternidade.

Abstract:

The artistic-literary project of the Portuguese writer António Lobo Antunes (1942) and the Brazilian author Milton Hatoum (1952) reveals converging narrative lines, especially in the way both authors employ their novels to construct a narrative hermeneutics oriented toward examining the subject's historical condition. In *Ashes of the Amazon* (2005) and *Until Stones Become Lighter Than Water* (2017), one can observe how the Portuguese colonial legacy plays a decisive role in shaping the conflicts embedded in father-son relationships, marked by a condition of oppression. In Hatoum's novel, set primarily in the Brazilian Amazon, Mundo is the son of a wealthy entrepreneur of Portuguese descent, Trajano Mattoso, and a native woman, Alícia. From an early age, he opposes the aristocratic world in which he is raised and his father's authoritarianism through artistic and political militancy—an opposition that ultimately leads to his physical and existential deterioration. In Lobo Antunes's work, the exacerbation of violence and racism—vividly portrayed in the narrative—unearths the traumatic memories of the

war in Angola, through the perspective of a Portuguese soldier. Upon returning to Lisbon, he brings with him an African child – whose family was wiped out in a bombing – whom he adopts as a son. This relationship illustrates, from the standpoint of Freudian psychoanalysis, the compulsion to repeat past events that remain unresolved within the fractured memories of these characters. From a comparative perspective, by establishing a parallel between the aforementioned novels, we seek to examine how the marks of colonialism, both in Brazil and in Africa, are inscribed in the conflictual dynamics between fathers and sons – a relationship for which the possibility of healing the wounds of memory does not appear as a viable horizon of expectation.

Key-words: Colonialism; Portugal; Brazil; Africa; paternity.

Considerações iniciais

Memória, herança colonial e paternidade são os elementos que elegemos para delinear uma tentativa de cotejo entre dois romances, cuja estética, no que tange as engrenagens da composição literária e do estilo de escrita apresentam características muito peculiares, aspecto que talvez justifique o reduzido número de estudos que abordem, sob o viés comparativo, o *corpus* ficcional do autor português António Lobo Antunes, e do manauara, de ascendência libanesa, Milton Hatoum. As linhas temáticas que engendram as narrativas do primeiro autor, exaustivamente exploradas pela crítica acadêmica desde a sua estreia literária, em 1979, com o romance *Memória de elefante*, se articulam, sobretudo, em torno da memória traumática, e a experiência de narradores fraturados pelo flagelo da guerra colonial emana com eloquência nas páginas da ficção loboantuniana. Hatoum, que chegou ao público uma década depois, em 1989, por meio de *Relato de um certo Oriente*, e se tornou um dos autores mais aclamados pelos estudos críticos e público brasileiro, sendo condecorado com prêmios importantes e traduzido para diversos idiomas, também privilegia a memória como recurso hermenêutico por meio do qual as suas narrativas que, primeiramente, ambientaram a presença libanesa na Amazônia, adentrando-se por outros enredos, também desenvolvidos neste cenário, mas sem jamais se desarticular contexto sociopolítico, histórico e econômico da região, até atingir o dramático período da ditadura brasileira na trilogia, ainda *in progress*, *O lugar mais sombrio*.

Neste âmbito, os romances *Cinzas do Norte* (2005) e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017), embora sejam encenados em contextos muito distintos sustentam seus enredos na hermenêutica da memória, a qual coaduna na voz dos narradores os seus dramas e conflitos existenciais. A projeção da paternidade sobre a existência fraturada de duas personagens que, de modos específicos, caminham para a degradação existencial e física, apresentam como elo em comum o vínculo com a herança colonial portuguesa, a qual imprime as suas marcas inexoráveis, não apenas estigmatizando os filhos de homens que, pelas vias da violência, expressa por meio da exploração dos recursos econômicos ou sob os auspícios da guerra, foram conduzidos à extinção da cena narrativa, mas também na forma como o escopo social é atingido neste modo de apropriação territorial, na mais desenvolvido capital da Amazônia brasileira e nas aldeias angolanas.

1 Mundo sem rima, nem solução

Um importante documento arquivístico, que remete a fatos transcorridos há cerca de duas décadas após o tempo narrativo que se enuncia, delineia as primeiras impressões da personagem Raimundo Mattoso, ou Mundo, sobre a qual direcionaremos o foco desta análise. Excertos de um relato são apresentados no prólogo de *Cinzas do norte*, amalgamado pela voz de Lavo, o narrador principal do romance que, neste estágio de sua existência, encontra-se em um bar no beco das Cancelas, onde, conforme elucida ao leitor, encontrou “refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país” (HATOUM, 2010, p. 7). Apreciando o manuscrito grafado com uma caligrafia miúda e trêmula que revelavam o quadro de dor que acometia Mundo, Lavo observa que a carta não datada foi escrita em uma clínica em Copacabana e reproduz o fragmento que, de certa maneira, explica as linhas hermenêuticas que construíram a gênese do romance:

“Pensei em reescrever a minha vida de trás para a frente, de ponta-cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase um milagre... Sinto no corpo o suor da agonia”, é o que se lê pouco antes do fim. Na margem da última página, estas palavras: “meia-noite e pouco” (HATOUM, 2010, p. 7).

A carta, provavelmente escrita poucas horas antes da morte de Mundo, configura-se, portanto, como o estímulo propulsor à refiguração memorialística desenvolvido por Lavo que, vinte anos depois, recupera “a história de Mundo”, a qual “vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude” (HATOUM, 2010, p. 7).

Um aspecto importante no trabalho ficcional de Hatoum, que se apresenta em seus três primeiros romances, *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do norte* (2005) é, além de encenar como espaço privilegiado a cidade de Manaus, a imersão em dramas de ordem familiar, plasmados por uma voz narrativa que é capaz de imergir no passado e amalgamar os arquivo histórico-memorialísticos que contêm a origem de inúmeros pontos obscuros e conflitos que se projetam sobre as personagens. Em *Cinzas do norte* Lavo é o responsável pela manutenção da memória arquivística, pois como declara “ainda guardo o seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitas no Brasil e na Europa, na vida à deriva que se lançou sem medo” (HATOUM, 2010, p. 7) e, ao final do breve prólogo reproduz a frase do amigo, impressa em um cartão-postal de Londres, que traduz preceitos importantes da personalidade de Mundo, manifestados desde a infância e que guiaram os seus impulsos juvenis, sem deixar de se refletir na doença que o consumiu: “Ou a obediência estúpida, ou a revolta” (HATOUM, 2010, p. 7).

A relação conturbada de Mundo com o pai, o ambicioso empresário de ascendência portuguesa Trajano, que oprime o filho na tentativa de dissipar o seu talento artístico e transformá-lo no herdeiro que dará continuidade aos seus negócios da família, configura-se como o foco principal da análise que aqui pretendemos desenvolver. Como observa Pinheiro (2011, p. 175): “O regime militar é o contexto em que se desenrola a história de Mundo. A relação entre ele e o pai reproduz as relações de poder em vigor: autoritarismo, violência, imposição e desrespeito aos

direitos do indivíduo”. Primeiro, há de se destacar que Trajano, ou Jano, ao casar-se com Alícia, jovem amazônica de impressionante beleza, mas de origem pobre, deixou-se seduzir, sem perceber o projeto que se esboçou na mente na mulher, que ela própria irá confessar ao filho, no fim de sua vida: “Um rapaz estava escolhendo um corte de linho, eu me intrometi, dei um palpite, ele gostou. Quando ele disse quem era, sonhei com outra vida, muito melhor. Trajano Mattoso. Magrinho, tímido, elegante. Gostou de mim (...) gostou tanto que me convidou para visitar o escritório da firma na rua Marechal Deodoro. Depois me levou aos bailes nos clubes chiques. Casamos logo, do dia pra noite” (HATOUM, 2010, p. 229).

Antes do casamento Alícia, todavia, viveu um ardente namoro com aventureiro Ranulfo, tio de Lavo, que seguirá, no decorrer dos anos, nutrindo uma paixão por ela. Embora tenha sido “substituído” pela vantajosa união com Jano, ambos seguiram sendo amantes por toda a vida: “‘Por quê? O pai dele é aquele rico português, não é por isso? Um viúvo milionário que tem só um filho, e esse sujeito se apaixonou por ti, e tu pensas que isso vai ser a tua salvação... Fala, é por isso?’ E até hoje não sei decifrar a sua expressão, porque ela não ria mais, e era difícil perceber algum sentimento no rosto trancado: nem ternura nem arrependimento, talvez uma ponta de dor ou desespero, não sei...” (HATOUM, 2010, p. 61). Na altura de seu casamento com Jano, a jovem encontra-se grávida de Mundo, mas Ranulfo desejará, no decorrer de toda a narrativa, ser o pai da criança, hipótese que é reforçada pelas percepções de Lavo. Jano, outrossim, apesar de seu ciúme permanente em relação a Ranulfo, jamais desconfia de sua legitimidade paterna e comemora, com efusão, o nascimento do filho, a quem passa a chamar de “herdeiro”:

(...) Jano estava feliz por ter um herdeiro Mattoso, um homem, e não falava em outra coisa, e depois tua mãe percebeu que ele estava envaidecido não com o filho, mas com o herdeiro, até que um dia brigaram por causa da palavra herdeiro que ela não aguentava mais ouvir, como se tu não fosses um bebê e sim um homem à frente da Vila Amazônica. Jano disse: “É o que meu pai mais queria, um neto... um herdeiro, por isso ele me deu tantas joias antes de viajar para Portugal. Joias de minha finada mãe. Se fosse uma menina, não sei...” (...) Jano quis festejar teu primeiro aniversário na Vila Amazônica, e os jornais noticiaram que ele contratara um cinegrafista português e um fotógrafo alemão que trabalhavam para as famílias mais ricas de Manaus. Para desespero de tua mãe, o título do artigo era “Vila Amazônia festeja primeiro aniversário do herdeiro Mattoso”. (...) a imprensa começou a publicar essas notícias e algumas fotografias: tu, com um ano de idade, sentado num monte de castanhas; de pé, entre fardos de juta; deitado num bote de borracha que flutuava na piscina; no colo do doutor Kazuma; vestido de branco com uma gravatinha-borboleta, sendo abençoado pelo arcebispo no interior da catedral de Parintins; (...) tua mãe só soube da tragédia quando voltou à cidade. Estava exausta e perturbada de tanto assistir a cenas absurdas e ouvir Jano dizer, a cada visitante, que tu serias o maior exportador da região (HATOUM, 2010, p. 161-162).

Embora a influência e poder de Jano não mais se equiparassem ao do patriarca da família, o proprietário da Vila Amazônica, localizada em Parintins, ostentava o orgulho da sua descendência e o patrimônio construído pelo pai: “‘Não jogo nada fora’, disse Jano. ‘A vida do meu pai está arquivada aqui. Ele veio de Portugal sem um tostão no bolso. Só com coragem e vontade de ser alguém. Um homem religioso que acreditava na civilização, no progresso’” (HATOUM, 2010, p. 25). O seu maior fracasso, nessa perspectiva, consistiu nas inúmeras tentativas forçadas de transmitir a Mundo o desejo de administrar e expandir os bens, uma vez que o filho, desde muito cedo, mostrou inclinações para a arte, talento que Jano reprimiu, até a sua morte, com violência, imputando a Mundo castigos severos, rigidez em sua educação – “‘Treinamento militar’ (...) ‘Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados’” (HATOUM, 2010, p. 25) e a destruição de suas telas.

À medida que o tempo passa a distância moral e as diferenças entre Jano e o filho se acentuam. O pai não esconde a decepção que sente, ao compará-lo com o colega e amigo Lavo: “Teu sobrinho promete coisa melhor... bem melhor que o tio e que meu filho, que até agora não promete nada” (HATOUM, 2010, p. 16). Mundo não é alheio ao desprezo que o pai expressa por ele, tal como declara na festa de quarenta anos do proprietário da Vila Amazônica: “Vou brindar ao aniversário do meu pai. Hoje ele faz quarenta anos, mas só deve comemorar o tempo que viveu sem o filho” (HATOUM, 2010, p. 33).

Além da amizade com Lavo, cujas virtudes Jano admira e inveja, porque não as vê reproduzidas no filho – “Um órfão criado por uma tia pobre... Vai ser advogado, e pode vir a ser juiz, doutor...” (HATOUM, 2010, p. 145) -, as companhias de preferidas de Mundo são dois homens igualmente desprezados por Jano. Um deles é Ranulfo, que vive de forma desregrada, avesso ao trabalho regular, entregue à bebida e que segue alimentando a paixão por sua mulher Alícia, além de, internamente, julgar que Mundo seja o seu filho e nutrir por ele afeições paternas. O outro é o artista visual Arana, que também apresenta uma índole questionável pelos inúmeros golpes que praticou, mas inspira Mundo, que desde criança frequenta o seu ateliê. Ao final do romance será revelado por Alícia que, diferente da forma como a voz narrativa induziu o leitor a acreditar na paternidade de Ranulfo, oferecendo fartos indícios que pudessem atestar essa hipótese, o pai biológico de Mundo é Arana: “Naquele mês eu tinha flertado com outro rapaz, queria fazer ciúmes ao Ranulfo. Era pra ser só um flerte. Foi apenas uma noite...quando saí sozinha de uma festa de casamento. Ninguém soube o que aconteceu naquela noite. Eu era mocinha, nem dezoito anos” (HATOUM, 2010, p. 229-230). O artista, todavia, sempre se viu como o mestre inspirador de seu discípulo e isso, diferente do que é expresso por Ran, nunca chegou a despertar sobre Mundo sentimentos de índole paternal, ainda que, no auge da decadência financeira de Alícia, ela venha a buscar auxílio junto a ele: “(...) até dinheiro recebia do Arana, dinheiro que ele quis mandar para mim e que ela usou para comprar a passagem para Londres e me trazer de volta para o Rio. Os dois enganaram todo o mundo. Mas ela teve sorte... Sou parecido com ela, não com ele” (HATOUM, 2010, p. 130).

Alícia, por sua vez, continuamente se opõe ao marido - com quem se casou por conveniência e não se esforça por demonstrar a ele afeto ou respeito -, em suas tentativas de transformar Mundo no herdeiro dos negócios, protegendo o filho contra as atitudes imperativas de Jano, que sempre tem como propósito dissuadi-lo do interesse pela arte.

Todo o esforço que Jano investe na busca para tornar o filho um homem forte, por meio de uma educação rígida, interessado em prosseguir os negócios e se afastar da arte, que ele considera inútil, resultam em uma sequência ininterrupta de fracassos e, cada vez mais, desiludem o pai que, além de tudo, sente a doença evoluir. Mundo passa por três colégios e, conforme as palavras de Jano: “Mundo perdeu três anos, foi humilhado no Pedro II, expulso do Brasileiro. Agora vai enfrentar o internato aqui, perto do pai. Vai conviver com gente humilde, receber ordens dos oficiais do Exército e respeitar os valores” (HATOUM, 2010, p. 89). O internato referido por Jano trata-se do Colégio Militar de Manaus que, novamente, resulta em mais um projeto frustrado, pois a formatura idealizada pelo pai, culminou na participação de Mundo, com o auxílio de Ranulfo, na construção do *Campo das Cruzes*, em uma obra interpretada pelos políticos manauaras como subversiva - “Na tarde em que a obra foi inaugurada o coronel Zanda logo informou Jano. No Novo Eldorado, ele viu um horizonte de cruzes chamuscadas e quis saber que diabos era aquilo: porque tinham construído casas num cemitério? onde estava o trabalho do filho? Rindo o prefeito disse: ‘Na tua cara, Trajano. Teu filho é atrevido: fez do bairro um cemitério. Bela obra. Mas vamos destruir toda essa porcaria em pouco tempo. Um dia a gente dá um susto nele. Agora passa no Gabinete do Comando do Colégio Militar, o diretor quer falar contigo’” (HATOUM, 2010, p. 138); e na falsificação de documentos:

Então Jano ficou sabendo que Mundo enganara a todos, inclusive o diretor. Levou uma carta do pai, com assinatura falsificada e tudo, em que este solicitava uma licença de duas semanas para o filho, que o acompanharia numa viagem ao Rio de Janeiro. O militar descobriu um novelo de mentiras, todas aludidas à doença de Jano; soube que Mundo havia protestado com palavras subversivas contra a morte accidental de um aluno durante um estágio de sobrevivência na selva e que às sextas-feiras pedia permissão para ir visitar o pai, que estava hospitalizado. Jano viu e assinou o último boletim de Mundo: - praticamente reprovado - não receberia o diploma. Além disso, a evasão ou fuga do colégio era uma grave transgressão disciplinar. Mais grave ainda era a insubordinação. Como podia? Um estudante incitar todo o bairro contra o prefeito, um oficial das Forças Armadas! Mundo podia ser preso: ele e um pé-rapado, um tal de Ranulfo. Dois idiotas. O coronel citou a Lei de Ensino do Exército: o caso foi submetido ao Comando Militar da Amazônia, que decidira expulsar Mundo. Macau não quis acreditar: expulsar o menino? “Ele já não é um menino”, disse a voz rouca de Jano. “É um homem... um delinquente” (HATOUM, 2010, p. 139).

Ao retornar para casa Jano, com auxílio de Macau, reuniu todo o material artístico de Mundo

– “livros, revistas e desenhos para a quadra de cimento” (HATOUM, 2010, p. 140), e tudo foi incinerado: “A quadra estava coberta de cinzas, folhas de papel e trapos chamuscados se espalhavam pelo quintal” (HATOUM, 2010, p. 140). Antes das revelações que recebera, Jano, fortemente debilitado, nutria a perspectiva de ver o filho formado pelo Colégio Militar de Manaus e, de modo análogo a comemoração do primeiro aniversário de Mundo, celebrado na Vila Amazônica, quando projetava sobre o filho a expectativa de criar um grande herdeiro, não haviam sido economizados recursos para a celebração da formatura do filho:

Jano planejava uma festança na Vila Amazônica para comemorar a formatura do filho, com músicos de Parintins, comida e bebida à vontade. Ia inaugurar o barco de recreio para levar os alunos, professores e convidados até a propriedade. (...) Ia esbanjar por causa de Mundo, já havia contratado fotógrafos e um cinegrafista, queria mostrar o menino fardado com a turma do Colégio Militar. O arcebispo de Manaus rezaria uma missa. Jano sabia que a juta não tinha futuro, mas apostava no futuro do filho. Era o sonho dele (HATOUM, 2010, p. 144).

Em meio a todas as decepções resultantes das últimas projeções frustradas lançadas sobre Mundo, que também provocaram o afastamento definitivo de Alícia, pouco tempo depois Jano sucumbe à doença e nem em seus rituais fúnebres Mundo se faz presente: “Ausente, mesmo, só Mundo. (...) Lembrei dos cochichos no velório: ‘Por que o filho não veio?’; ‘Nem o pai morto ele quis ver!’; ‘Culpa da mãe?’; ‘Diz que é vadio, quer ser artista...’ (...)” (HATOUM, 2010, p. 155).

Logo após a morte de Jano, Mundo segue com Alícia para o Rio de Janeiro e, em seguida, parte sozinho para a Europa. Enquanto Alícia consome a fortuna que herdou para alimentar o seu vício no jogo e da vida boêmia que permeia esse ambiente, Mundo, na Europa, sem que a mãe tenha o verdadeiro conhecimento da realidade em que vive, subsiste precariamente entre serviços temporários e a venda ocasional de seus trabalhos artísticos. Esse estilo de vida afeta gravemente a sua saúde e, diante da falta de perspectiva de recuperação, Alícia viaja à Londres para trazê-lo de volta ao Brasil onde chega bastante debilitado, trazendo consigo aquela que considera a sua obra mais importante, uma sequência de sete telas intituladas *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido*. Os estudos que compõem a série apresentam elementos que remetem à figura de Jano e o seu cachorro de estimação, Fogo, ao casarão da vila Amazônica, à paisagem onde ele está instalado e os trabalhadores da propriedade, índios, caboclos e japoneses, além do próprio Mundo se autorretratar desenhando, com o olhar voltado para este panorama. As imagens se articulam entre si de maneira a mostrar o processo de envelhecimento do homem e a modificação da paisagem, que se deforma até desaparecer. E, como observa Lavo, intercalando a fala de Alícia:

As duas últimas telas, de fundo escuro, eram antes objetos: numa, pregados no suporte de madeira, os farrapos da roupa usada pelo homem no primeiro quadro, que havia rasgada, cortada e picotada; na última, o par de sapatos pretos cravados com pregos que ocupavam

toda a tela, os sapatos lado a lado mas voltados para direções opostas, e uma frase escrita à mão num papel branco fixado no campo inferior esquerdo: *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido*.

(...)

“É a roupa que Jano usou no nosso casamento. Procurei-a quando ele morreu, mas não encontrei. Achei que tivesse doado aos pobres, mas não... Mundo tinha levado tudo para a Europa: o terno, a calça, a gravata, os sapatos...” (HATOUM, 2010, p. 216-217)

E, como o próprio Mundo irá confessar em sua última carta, redigida à Lavo: “A imagem de Jano não ficou isolada na minha cabeça, era o processo que interessava, a vida pensada, a vida vivida, dilacerada. (...) O que sei é que trabalhei de maneira exasperada, alucinada às vezes, às vezes rindo da minha própria desgraça. Formas mais ou menos figurativas, decompondo o retrato da família, até chegar à roupa e aos dejetos de Jano” (HATOUM, 2010, p. 227). O enredo de *Cinzas do norte* não apresenta a dimensão trágica de *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, mas seu desfecho é melancólico, consolidando a metáfora que intitula o romance. A herança de Jano é dissolvida por Alícia, que a consome entre o jogo e a bebida; Mundo que, aparentemente nunca se relacionou bem com as suas origens e aventura-se pela Europa antes de retornar doente ao Rio, carrega consigo os pertences de Jano, que acabam por se integrar aquele que considera o seu maior trabalho artístico. E é justamente ao se transfigurar em um índio – “De manhãzinha caminhei pela rua Tonelero... nu, de cocar, segurando um remo. (...) Erguia o remo do índio velho, o morto da Vila Amazônica... um dos índios e caboclos que pintei no fundo dos meus quadros, no fundo escondido e vergonhoso de nossa história” (HATOUM, 2010, p. 228), que Mundo é abordado pela polícia, preso e internado na clínica onde redige a carta a Lavo, referida no prólogo e que irá encerrar o doloroso relato de sua existência, cujas memórias da Amazônia que jamais irá retornar e, sobretudo, de Jano, se deterioram até o desaparecimento, tal como retratou em suas telas que, após sua morte, também serão destruídas por Alícia.

2 “O filho preto que nunca foi seu filho”: vingança ou redenção?

O enredo de *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, assim como *Cinzas do norte*, é aberto, com uma espécie de prólogo, pela voz da filha de uma prima direta de um ex-alferes paraquedista, que serviu a Portugal na guerra colonial em Angola, após dez anos do trágico episódio que culminou no seu assassinato e do filho adotivo africano, à altura dos festejos da matança do porco. A prima inominada, que herda o ofício de guardiã dos mortos – “sou eu que tomo conta do jazigo do primo da minha mãe no cemiteriozito pegado à primeira colina da serra desde que ela faleceu (...) e lá estão ambos, o pai branco e o filho preto, para além de dois ou três parentes mais antigos que desconheço (...) desses reduzidos a fotografias pouco nítidas” (ANTUNES, 2017, p. 12) - condicionada pela visão eurocêntrica e espírito colonial presumivelmente herdado da educação que recebera em uma remota aldeia portuguesa, oferece ao leitor um *spoiler* equivocado do enredo do romance (ANGELINI, 2018, p. 98), no qual a culpa pelo assassinato tende a recair sobre o filho

africano:

(...) o primo da minha mãe trouxe-o da guerra em Angola, com cinco ou seis anos, (...) lembro-me do meu padrasto responder, quando lhe perguntei o motivo do primo haver regressado com uma criança se calhar mais feliz lá nos sertões onde a encontrou, que todos os soldados voltavam com recordações (...)

(...)

conforme ninguém se lembra já do que sucedeu há dez anos na altura da matança do porco, quando o filho preto assassinou o pai branco com a faca ainda cheia de sangue do animal (...) (ANTUNES, 2017, p. 11-12)

Após o brevíssimo prólogo a narrativa recua, em forma de analepse, para a década anterior, quando “conforme tantas vezes desde há quarenta e três anos”, o ex-alferes paraquedista tornou “a sonhar com África” (ANTUNES, 2017, p. 13). Para além da tragédia que culminou no assassinato do pai e do filho, o dilema crucial do romance, que não é previamente anunciado na última camada temporal que reveste o enredo pela prima longínqua, vai sendo apresentado ao leitor nas sobreposições memorialísticas, que modulam as vozes de inúmeros narradores, mas, sobretudo, do pai português, que não se liberta das recordações da guerra, e do filho africano, forçosamente aculturado ao ser integrado no seio da família adotiva, em Lisboa, mas que também não esquece do episódio que, na tenra infância, dizimou a aldeia onde vivia e exterminou os seus pais. Essa cena é constituída, com precisão, pelas lembranças do ex-alferes paraquedista:

(...) entrámos de repente, a dar fogo, na aldeia, minutos antes da manhã, no lado oposto ao rio, (...) escolhendo os alvos um a um, este homem, aquele e o miúdo sem o evitar, quieto, de cabelo descolorido pela comida que não tinha e a barriga inchada de fome, (...) a assistir à mãe a arrastar-se de gatas para ele, sacudida pelas balas, sem conseguir alcançá-lo, ao pai que tentava defender-se com um canhangulo quebrado (...) (ANTUNES, 2017, p. 205).

Essa imagem, no decorrer das décadas que se seguiram, é continuamente invocada, tanto nas memórias do ex-combatente como nas do filho adotivo. Os sentimentos que pai e filho nutrem a respeito um do outro são apontados sempre como imprecisos, uma vez que, embora se suponha que a adoção do menino africano tenha acontecido pela culpa e remorso em relação à execução dos pais, parece existir uma aparente apatia, por parte do africano, que irá acompanhá-lo por toda a vida: “(...) o miúdo que até hoje, já homem, não cessou de fitar-me sem curiosidade nem ódio nem buscando entender” (ANTUNES, 2017, p. 206). E, da mesma maneira, o pai não sabe exatamente o que sente pelo filho: “(...) se me perguntarem se gosto ou não do miúdo não consigo responder, gosto, não gosto, gosto (...)” (ANTUNES, 2017, p. 209). As reações da esposa e da filha, que nasceu anos depois do “irmão” ter sido incorporado à família, também são sempre questionadoras: “-Achas que o pequeno ganhou alguma amizade por nós?” (ANTUNES, 2017, p. 206); “-Não seria melhor terem-no deixado em África?” (ANTUNES, 2017, p. 208).

Os fragmentos transcritos são consoantes a uma das principais técnicas narrativas desenvolvidas por Lobo Antunes, conforme a qual, sem uma delimitação precisa, as vozes das personagens vão se intercalando no discurso textual e, simultaneamente, intersecções espaço-temporais, que correspondem a diferentes períodos, são abertas. Os episódios do passado, pertencentes a contextos específicos, ao confrontarem-se com o presente e um improvável futuro, são sobrepostos, criando o que Ricoeur nomeia como “excesso” ou “defeito na memória” (RICOEUR, 1995, p. 79), ao considerar, como referência, o texto de Freud (2010), *Recordar, repetir e elaborar*. Para Freud a compulsão à repetição é a maior dificuldade da cura psicanalítica e do trabalho de interpretação, tal como observamos nas sessões de terapia coletiva, frequentadas pelo ex-alferes, o qual afirma, em uma atitude de resistência, ser impossível seguir os conselhos do psicólogo e “fechar a cabeça ao passado”, pois “o passado nem sequer é passado”.

Diante da inexistência de cura para as patologias da memória que se apresentam na escrita de Lobo Antunes, o que se observa na relação entre o pai e o filho adotivo, no decorrer da narrativa, é que o sentido de resgate da justiça, por meio da vingança, vai sendo construído, primeiro, intuitivamente, pelos avisos que o então alferes paraquedista recebe, por exemplo, do inspetor de polícia: “-Não o leve para Portugal senhor alferes que ele assistiu ao que lhe fez aos pais e mais cedo ou mais tarde vingá-se é uma questão de tempo” (ANTUNES, 2017, p. 262). O pai, do mesmo modo, que sempre se mostra hesitante ao ser questionado sobre as razões de tê-lo trazido de África – “trouxe-te de África por solidão ou como quem pretende uma lembrança, uma prova qualquer que lá esteve ou então por remorso (...) mas não por amor (...) uma espécie de troféu vivo que ele exibia” (ANTUNES, 2017, p. 299), antevê a possibilidade de o filho executar uma vingança, na condição de ajuste de contas em relação aos traumas passados: “(...) mais cedo ou mais tarde, é uma questão de tempo, vai vingar o pai, vai vingar a mãe, traz os turras com ele e aponta-nos um a um, (...) conhece o paiol, mete uma granada lá dentro” (ANTUNES, 2017, p. 209). O psicólogo, em uma das sessões, também questiona: “-Tens medo do seu filho você?” (ANTUNES, 2017, p. 209).

As mágoas em relação ao pai, sofridas pela filha legítima no decorrer de sua existência, bem como a incompreensão a respeito do irmão adotivo, faz com que ela o instigue a nutrir sentimentos revoltosos e planejar ações de vingança:

(...) a minha filha para o meu filho
 -É este ano que finalmente matas o pai que matou o teu pai com a faca do mato?
 e não era, o porco sempre, sangue de um animal, não meu, no alguidar, gritos de um animal, não meus, na agonia, olhos cegos de animal, também não meus, na cave e a minha filha, claro, zangada com o irmão que não era seu irmão
 -Não és filho dele quando irás compreender que não és filho dele quando irás compreender que matou os teus pais?
 de súbito muito maior, furiosa, a esmurrar-lhe o peito
 -Matou os teus pais
 e o meu filho calado a pensar, o meu filho

-Matou os meus pais?

a lembrar-se das mãos cortadas, das orelhas cortadas, do homem que morava com a mãe de braços no chão, metade numa esteira de mandioca e a metade na erva enquanto eu pegava no ombro do miúdo avisando os soldados

-Não lhe toquem

não por amor a ele, para garantir a minha autoridade

-Não lhe toquem

por egoísmo, por vontade que te recordes sempre do que fiz e não te vingues nunca, aceites, é a guerra não é (ANTUNES, 2017, p. 216-217)

Todas essas vozes, ao se interpenetrarem nas elaborações memorialísticas concernentes ao trágico passado do filho africano, durante os anos de convivência com a família portuguesa, apontam indícios que prenunciam como o trágico episódio, apresentando no prólogo do livro, foi cautelosamente sendo construído pelo angolano que, no entanto, reconhece ter sido cuidado e protegido por seu pai, sentimento que se contrapõe ao que julga ser o seu dever de honra: “vai custar ter de matá-lo amanhã senhor quando chegarem o porco e as facas compridas, sei que tenho de matá-lo e não queria matá-lo” (ANTUNES, 2017, p. 301). Assim como existe a recusa do pai em atender as orientações do psicólogo, o filho, durante a sua vida, é instigado pelo dever moral de saldar as dívidas passadas, por meio da execução do pai, minuciosamente planejada no decorrer de mais de quatro décadas, o que se apresenta como uma emblemática libertação da culpa e dos remorsos de ambos: “incapazes de entender que gostávamos um do outro, que eu tinha de fazer aquilo e ele de aceitar que eu fizesse aquilo para que tudo certo finalmente e nós os dois em paz, pai e filho sem ninguém a separá-los” (ANTUNES, 2017, p. 301).

À medida que a narrativa progride a relação entre culpa e vingança vai sendo atenuada, pelo viés da perspectiva da morte como redenção, uma vez que, incisivamente, o filho afirma que não desejaria ter matado o pai: “Até ao último momento quis dizer-lhe/ -Vá-se embora depressa pai” (ANTUNES, 2017, p. 433). O pai, por sua vez, como se já estivesse definitivamente enredado pelo fio a ser, em breve, rompido por Átropos, aceita, com resignação o seu fatídico destino: “-Tem de ser não é filho?” (ANTUNES, 2017, p. 433), ainda que o filho, internamente, lute contra esse drama existencial:

-Não me deixe matá-lo

como não deixou que me matassem em África interpondo-se entre mim e os soldados, caminhando para eles decidido, desviando de súbito a arma para um alferes que baixou a dele

(...)

-Vá-se embora depressa pai

e ele a fazer que não ouvia, talvez quisesse que o matasse, talvez desejasse que o matasse não sei, mas juro que não me apetecia matá-lo (...)

(ANTUNES, 2017, p. 433-434)

As memórias de África que ainda reverberam, tanto na mente do pai quanto do filho, são os

mecanismos desencadeadores de um crime que, em um primeiro momento, parece ser compreendido como vingança, diante da qual o filho, ao mesmo tempo que se impõe ao dever de matar o pai, também afirma que não deseja executar a ação a qual este aceita prostrado. Ambos, pela via do trauma da guerra, estão presos em um passado que, embora o tempo avance, não conseguem se libertar. O peso das pedras que carregam os impedem de entrar em um acordo de paz e, diante dos conflitos internos que parecem impossíveis de serem resolvidos, dos ecos da memória jamais calados, a cláusula tácita de matar e morrer, alinhada entre ambos, aparece como o epílogo da libertação.

Considerações finais

Cinzas do norte e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* são narrativas que se desenvolvem por meio de uma estrutura circular, pois ambas apresentam um brevíssimo prólogo que indica uma significativa distância, sobretudo temporal, em relação as muitas camadas que configuram cada enredo.

É a voz de Lavo que abre o prólogo de *Cinzas do norte*, intercalada por fragmentos da carta de Mundo, escrita vinte anos antes, quando estava em estágio terminal, internado em uma clínica. A narração do romance organizada por Lavo e permeada pelo relato de seu tio Ranulfo, recupera nos arquivos da memória o drama existencial de Mundo e a relação conflitiva entre ele e Jano, que o criou para ser o herdeiro de suas propriedades e, assim, conservar a linha de sucessão iniciada pelo seu pai, colonizador português de origem humilde, que soube fazer fortuna explorando os recursos da floresta amazônica e o trabalho de seu povo nativo. A carta completa de Mundo, que foi referida no prólogo, será transcrita apenas no final do romance, o que sugere a circularidade da narrativa.

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, a prima distante, guardiã dos mortos, anuncia no breve prólogo a tragédia transcorrida dez anos antes, quando o filho preto assassinou o pai, com a mesma faca utilizada no ritual da matança do porco. O enredo, ao se adentrar na relação entre o pai e o filho, vai imergir nas memórias que permearam a sua existência no decorrer de quarenta anos, desde a guerra em Angola até o trágico desfecho, mencionado no prólogo, completando o eixo circular da narrativa.

Outro aspecto semelhante que se mostra em ambos os romances é o fato de pai de filho já estarem mortos quando a história é anunciada no prólogo, embora não sejam tênues as diferenças que configuraram as relações de paternidade em cada obra.

Não podemos, em *Cinzas do norte*, analisar os conflitos desencadeados entre Jano e Mundo apenas pela díade opressão e rebeldia, pois se o espalhamento dos propósitos do pai direcionado para o filho não encontram reflexo, como também os ideais do filho tocam no vazio quando são oferecidos ao pai e, entre tantos desacertos, ambos, em seu íntimo anseiam pelo reconhecimento recíproco que um nega ao outro durante toda a existência.

Em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, o pai português e o filho adotivo angolano

que, aparentemente, conviveram por quarenta anos sem externar qualquer conflito semelhante aos referidos em *Cinzas do norte*, pois “(...) nunca foi seu filho embora o tratasse como filho e o preto o tratasse como pai” (ANTUNES, 2017, p. 11) carregam consigo o insuperável trauma da guerra e, ao contrário das vozes que instigam o ex-alfeires paraquedista a supor que um dia o filho se vingará por ter visto os pais, em Angola, serem executados em um ataque, ambos caminham para um destino inelutável. O assassinato do pai pelo filho preto, utilizando como arma de execução a faca da matança do porco, e o seu consequente abatimento pelos homens que participavam do ritual, transpõe a metáfora da violência, pois simbolizam uma libertação para ambos das patologias das memórias que os prendem em África.

Cinzas do norte e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* são enredos que se adentram pelos arquivos da memória, com vozes que imergem em dores profundas que permearam as relações conflituosas, ou traumáticas, envolvendo pais e filhos, em diferentes espaços que têm, em comum, a colonização portuguesa, como a Amazônia de Hatoum, e a África de Lobo Antunes. A herança da exploração econômica e as guerras coloniais estão no cerne das dores que delineiam as relações de paternidade em ambos os romances onde os sujeitos sucumbem à morte sem, jamais, atenuar os conflitos que os submergiu durante toda a existência.

Referências

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik Em nome do pai: ventriloquismo e subalternidade em **Até que as pedras se tornem mais leves que a água, de António Lobo Antunes**. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 29, 2018, p. 95-112.

ANTUNES, António Lobo. **Até que as pedras se tornem mais leves que a água**. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

CEZAR, Luís Adriano de Souza. **A narração e seus impasses no romance de Milton Hatoum**. Tese (Doutorado em Estudos Literários). 156 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”, 1911)**: artigos sobre técnica e outros textos. (1911-1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10.

HATOUM, Milton. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PERDIGÃO, Noemi Henriqueta Brandão de. **Pais, patriarcas, algozes, amigos: a paternidade de Dois irmãos e Cinzas do norte**. 147 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PINHEIRO, Maria Luz. A construção da verossimilhança em **Cinzas do norte**, de Milton Hatoum. *Manuscrita*. n. 20, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177685> Acesso em: 15 Set. 2024

RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? Trad. José Rosa. **Esprit**, n. 210, p. 77-82, 1995.